

O Rosto Tecnológico – Filosofia e Materialidades¹

Cristina Valéria Flausino²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Partindo-se do pressuposto de que o rosto – do homem, da mulher, independente do sexo, idade ou etnia – passou por um processo de midiaticização em face dos movimentos globalizantes e do desenvolvimento das relações sociais em contextos culturais dominados pela comunicação mediada, propomos realizar um estudo sobre o rosto na contemporaneidade. Projeto de pesquisa em fase inicial de investigação, buscamos respaldo nos referenciais teóricos das imagens técnicas, da sociedade das imagens, nos estudos de arte sobre o rosto humano e na Teoria das Materialidades, pelos quais queremos evidenciar um rosto em simbiose com a técnica. A filosofia de Gilles Deleuze, para quem o rosto é um muro branco onde a Modernidade insere seus valores, vem como apoio reflexivo. A rostificação de que trata o autor, transforma o rosto em cópias, o que justifica nossa tentativa de contornar o rosto na experiência moderna antes do seu total desaparecimento.

Palavras-chave

Rosto; Tecnologias; Materialidades; Filosofia; Comunicação

Apresentando o rosto

Conjugando as reflexões sobre o sujeito moderno imerso na cultura da técnica, as relações sociais quase inteiramente mediadas e as atuais e intensas interações com as tecnologias, observamos que o sujeito moderno encontra nas imagens técnicas uma das fontes centrais do reconhecimento de si mesmo. Sua íntima relação com imagens de rostos estampados em revistas, nas telas do cinema e da TV, produz o curioso efeito de fazer com que ele apenas se reconheça a partir de imagens técnicas. As outras formas de reconhecimento da própria imagem, como o espelho, que produz uma imagem invertida e pela alteridade, são aspectos relevantes, mas não serão tratados neste artigo, que esboça apenas as linhas preliminares da pesquisa e procura evidenciar, desde já, seu caráter ensaístico.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Aluna regular do PPGMPA - Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais, área de concentração Comunicação e Cultura Audiovisual, da ECA/USP, em nível de doutorado, sob orientação de Irene de Araújo Machado. Ingresso em 2015.

O percurso que nos conduziu à proposta teve início nas reflexões sobre os rostos de mulheres modificados pelas intervenções estético-cirúrgicas, em parte motivadas pelo desejo de manutenção da juventude e da beleza difundidos pela mídia. Na nossa perspectiva, é um rosto que “espelha” rostos estampados nas capas de revista, que brilha nas telas de TV, “formatado” de acordo com os modelos pré-definidos. É o rosto das intervenções plásticas, da última moda, da marca de cosméticos, da atriz famosa. Rosto da propaganda, plastificado, reproduzido serialmente, produto da “máquina abstrata de rostificação” a que se refere Deleuze (1996 p. 33).

O filósofo diz que o rosto é um muro branco no qual a Modernidade faz seus registros, incute valores, sendo impossível reconhecer os originais. “O rosto, pelo menos o rosto concreto, começaria a se esboçar vagamente sobre o *muro branco*” (Id, 1996 p. 32). Segundo ele, a partir de um sistema de notação de valores do capitalismo, que transforma rostos em cópias e, em pouco tempo, cópia das cópias. “Grande rosto com bochechas brancas, rosto de giz furado com olhos como buraco negro”, diz ele, referindo-se ao modelo do homem branco, europeu, heterossexual, etc. (Idem, 32). Reforçamos com isso a noção de um sujeito desarticulado de si, com dificuldade de reconhecimento da sua “imagem original”, rostificado segundo modelos midiáticos. A partir deste ponto, a investigação nos conduz a caminhos mais complexos.

Ainda que soe ficcional, essa é uma proposta que tem como hipótese central que o rosto, além de apoderado pelo discurso midiático, também se modifica pela sua prolongada e intensa relação com a técnica, na nossa suposição, formatado e reconfigurado pelas tecnologias – e não só aquelas relacionadas às intervenções estético-cirúrgicas, embora em última instância essa seja uma forte evidência. Dada a tentativa de percorrer múltiplos percursos, todos convergentes com a questão da técnica, propomos a inserção da pesquisa no amplo campo da cibercultura, pela possibilidade de discutir, ainda que abstratamente, a relação entre tecnologias de Comunicação e Cultura.

O primeiro problema, portanto, e que justifica nossa presença neste evento, é caracterizar esse rosto, saber para onde dirigir o olhar do pesquisador a fim de “selecionar” o rosto que possa descrever o homem contemporâneo. Que rosto a Modernidade deu ao homem? Que efeitos produziram sobre ele as notações sobre sua superfície? O que elas informam? De que modo esse rosto é afetado pela máquina abstrata da rostificação? As relações com as tecnologias poderiam produzir tão profundas transformações em nosso

corpo, a ponto de afetar nosso rosto? Deleuze afirma que o muro branco faz par com o buraco negro, local “onde nos alojamos, com nossa consciência, nossos sentimentos, nossas paixões” (Deleuze, 2006, p. 37), que coisas se ocultam no buraco negro?

Diante dessa dificuldade – e quase imponderabilidade da proposta – propomos que a pesquisa recaia sobre as imagens técnicas do rosto, sobre o que trataremos mais adiante.

Tateando a Teoria

A Teoria das Materialidades compreende as relações do homem com a máquina, na qual a técnica é modificadora da nossa relação com o mundo e conseqüentemente das subjetividades. Respalhada por teóricos da mídia alemã, sendo o principal expoente o professor das universidades de Stanford, nos EUA, Hans Ulrich Gumbrecht (1948), encontramos em Felinto (2001, 2004, 2006, 2009, 2010) informações que sustentam essas referências. Ainda que se faça necessário aprofundar a abordagem, por suas características de objeto circulado pela experiência máxima da técnica, em *O Rosto Tecnológico*, inicialmente buscamos respaldo nesta vertente, que propõe, como explica Felinto, uma “homologia entre formas tecnológicas e estruturas orgânicas” (2010, p. 5)³.

Outros autores já percorreram o tema (Hanke, 2006), resgatando o surgimento desta vertente como uma “perspectiva alternativa” e que tenta responder a um quadro de situação histórica pós-moderna, no qual essa pesquisa poderá se inserir: um sujeito que vive num presente sem fim em contraste com a total falta de certezas, num mundo onde a virtualidade aos poucos ocupa quase completamente os acontecimentos que antes se davam em espaços concretos. Trata-se, portanto, de um quadro de desreferencialização, destemporalização e destotalização, que coincide com o fim do sujeito hermenêutico do século XV (Felinto, 2006, p. 40).

A Teoria das Materialidades sugere novos métodos de investigação, que podem ser expressos em exterioridade – medialidade – corporalidade. As tecnologias de inscrição deixam de ser instrumentos de produção de sentido e passam a representar o horizonte a partir do qual algo como o próprio sentido pode surgir. Felinto destaca a passagem de

³ Em Busca do Tempo Perdido – O Sequestro da História na Cibercultura e os Desafios da Teoria da Mídia. Apresentado ao GT “Comunicação e Cibercultura”, do XIX Encontro da COMPÓS, PUC-RJ, Rio de Janeiro, RJ, em junho de 2010. PDF disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt1_erick_felinto.pdf. Acessado em 21.julho.2015.

Friedrich Kittler (1943-2011) sobre a relação de Nietzsche com a máquina de escrever, ferramenta de forma arredondada, que pode ter influenciado algumas ideias do filósofo. Em fevereiro de 1882, numa carta datilografada, ele escreveu que “os nossos instrumentos de escrita têm impacto também sobre os nossos pensamentos” (Silvestre, 2010)⁴

Compõem ainda esse quadro investigativo os elementos que constituem a vida cultural. O significado e tudo aquilo que é excluído do campo da significação como ruído, passam a ter relação, assim como o corpo. Antes instrumento de expressão, agora o corpo integra o regime, em contato com outros corpos e resistências, tornando-se um agente – as máquinas são extensões do nosso corpo e os programas computacionais parecem operar à semelhança dos neurônios. A Teoria das Materialidades aponta assim sua utilidade para as reflexões em torno das tecnologias de comunicação e informação, notadamente para as interações corpo e máquina, para os sistemas de pensamento e os sistemas binários, para as relações entre o real e o virtual, diz o professor da UERJ, que escreve⁵:

“Nós construímos ferramentas e elas se rebateram sobre nós, tornando-nos mais conscientes de nossas capacidades e estruturas físicas. Construímos computadores e eles nos tornaram conscientes do funcionamento do sistema nervoso central (exatamente como um modelo cibernético). Graças a esse contragolpe da máquina, o cérebro se torna um modelo, e a partir desse cérebro fazemos redes” (Felinto, 2010, p.5)

Vilém Flusser (1920 – 1991) formulou os modelos de agrupamento e de enredamento, que contribuem para uma comparação entre velho e o novo paradigma tecnológico, marcados pelo surgimento do rádio, da TV e da atual fase de desenvolvimento tecnológico. Agrupamento se vincula a um conceito de massa acrílica, enquanto o enredamento está fundado na concepção cibernética de que os processos culturais traduzidos em linguagem computacional permitem armazenar, processar e transmitir informação, o que dá origem a camadas de sentido, que o autor aponta como “uma revolução comunicacional”, podendo tornar-se dominante no futuro.

Segundo Felinto, se no ambiente massivo os indivíduos desejavam consumir, na cultura digital os indivíduos querem “jogar”, o que significaria lidar com a informação de

⁴ Materialidades da Literatura. Minicurso oferecido por Manuel Osvado Silvestre, para o departamento de literatura da Universidade de Campos. Disponível em <http://www.iel.unicamp.br/destaques/arquivos/MaterialidadesDaLiteratura.pdf>. Acesso em 23jun2015.

⁵ Do cruzamento de competências: Vilém Flusser e a sociedade telemática. PDF disponível em https://www.academia.edu/3821088/Do_Despertar_Tecnol%C3%B3gico_da_Consci%C3%Aancia_-_Breve_Arqueologia_da_Internet_como_C%C3%A9rebro_GlobalCartografias: Acesso em 20jun2015.

forma ativa e criativa. O jogo expressaria o espírito contemporâneo graças à introdução desse novo paradigma tecnológico da rede, cujo cérebro serve de modelo. Imagem, segundo Felinto, que constitui uma amostra de como o tecnológico é atravessado pelo cultural e pelo orgânico. Nesta perspectiva, o que nos parece pertinente para nossa abordagem, é investigar as relações que conjugam o corpo e aparatos tecnológicos e contribuir, no âmbito da cultura e da comunicação, para novas perspectivas filosóficas para o humano – embora estudos no campo do pós-humanismo já contribuam de modo significativo para essas reflexões.

Por outro lado, Ciro Marcondes Filho, num estudo entre a comunicação face a face e mediada, aborda os problemas da comunicação na era digital e lança uma questão norteadora e na qual nos debruçamos: neste novo contexto, que homem está sendo engendrado? Para o articulador da Nova Teoria da Comunicação⁶,

“(...) a civilização de imagens tem a ver com o fim do Projeto Moderno, que apostava no saber filosófico, na cultura discursiva, no poder da palavra e do livro para formar mentes e posicionamentos políticos e ideológicos. O sujeito moderno tem a mente clivada em duas realidades, numa experiência solitária e meio esquizofrênica” (2013, p. 86)

Sob a ótica desse autor, o sujeito moderno está em situação de miserabilidade. O espaço de sociabilidade proporcionado pela internet é, para o professor da USP, um lugar onde a comunicação feita por máscaras, os olhos estão vendados, um mundo onde não somos vistos nem podemos ver o outro (id, p. 112). Para Marcondes, o rosto midiático, atrás das máscaras, reforça o poder:

“Na tela eu não vejo os olhos nem o rosto do outro. Há uma leitura do rosto como sendo marca perversa do social, que institui rostos em toda parte, em todos os ambientes, em todas as situações. Rostos tiranos, de ditadores, de celerados; mas também rostos amenos de políticos, de candidatos, de celebridades, sempre sorrindo, sempre ostentando um visual apaziguador, comportado, disciplinador. Rostos mediáticos. Rostos fabricados para convencer, para ser modelos, para serem imitados e garantirem a reprodução infinita dos símbolos da situação e da dominação”. (Idem).

Para esse autor, a nova realidade medial, com o surgimento das máquinas de registro e reprodução da imagem, afeta todo o pensamento filosófico e ainda que a técnica seja o vetor mais importante de todas as questões associadas às grandes transformações da sociedade nos últimos 150 anos, na filosofia da técnica os humanos são componentes de sistemas eletrônicos e seus atributos, que têm relação com o espírito, são expurgados.

⁶ Para Nova Teoria da Comunicação, ver Princípio da Razão Durante, Editora Paulus (Coleção Comunicação).

Na modernidade, o mundo é reduzido às imagens, que proliferam no mundo, exigindo nosso olhar e transformando a vida em aparências. Tudo são imagens viciantes, agindo sobre nós. É a sociedade dos clichês, de que fala Deleuze. O mundo da cultura possui essa característica: criar seres que atuam sobre os criadores. Para Baitello Jr. (2005), na sociedade das imagens, são as imagens que nos procuram, capazes de uma eficiente estratégia de sedução e convencimento. E o espírito da técnica tenta matar o rosto. “O rosto, aquele que me olha, é em verdade incapturável pela técnica, seu ato de olhar é como um tiro à queima-roupa” (Marcondes Filho, 2013).

“Esta dimensão desaparece na visão do mundo do homem obtida do ponto de vista da técnica. Aí eu apenas aciono teclas (...) jamais o tiro irá me atingir, pois o outro é uma figura imaginária, um ícone inflado com a *vida*, um personagem da minha fantasia” (Id, p. 40).

Olhando as Imagens

É parte da nossa metodologia usar como referencial as teorias da imagem. Marcondes Filho é um dos autores que nos proporcionou maior estímulo para pensar a questão o rosto na contemporaneidade. Ao percorrer a temática das imagens técnicas no tomo V da coleção *O Princípio da Razão Durante* (2010), o autor nos oferece uma significativa revisão sobre o problema numa perspectiva filosófica.

Três conceitos elementares fundam as noções de imagem e servem aqui como parte do método exploratório. *Eidola*, *Eikon* e *Eidos* (a partir daqui grafadas normalmente) podem ser conceitos norteadores para a diferenciação do rosto como imagem original, como imagem técnica e como imagem idealizada.

Eidola são as imagens físicas, penetram em nós e produzem sensações. Particularmente as compreendemos como as primeiras imagens, da tenra idade, como as do bebê quando começa a discernir o rosto da mãe. Seriam as imagens originais que aos poucos vão sendo substituídas – ou passam a conviver – com os retratos, as pinturas, os desenhos, as fotografias, essas denominadas de *Eikon*. Apropriadas pelo Cristianismo, as imagens construídas ajudaram-nos a formular a noção de imagem do filho de Deus. Na nossa interpretação, são as imagens rostificadas de que fala Deleuze.

Já *Eidos* é apreensão, da ordem do intuitivo, uma essência ou abstração e que nos permite ampliar o conceito, já que também podem ser entendidas como imagens que não são necessariamente visuais, mas são capazes de nos tocar, porque “possuem um tipo de

efeito semelhante ao que se experimenta como na primeira visão do mar” (Marcondes Filho, 2010 p. 178). Eidos não se impõe. É manifestação espontânea, confunde-se com as imagens dos fatos do mundo e das coisas. Na nossa interpretação, possui a aura de que fala Benjamin e que se atrofia na reprodutibilidade (Benjamin, 2013, p. 55).

O conceito de Eidos, que apresenta maior grau de dificuldade de apreensão, pode ser clarificado pelo termo alemão *Bild* – palavra que reúne os conceitos de Eidos e Eidola. Segundo Marcondes Filho, *Bild* pode ser uma figura, uma imagem, uma fotografia. Quando se diz sobre uma “apreensão eidética” se diz de uma unidade de múltiplas informações que se pode apreender de súbito. Relaciona-se a “um conhecimento intuitivo, que produz um efeito mágico e nos dilui na cena” (Id, 2010, p. 178). Trata-se de uma imagem originária, base para que reconheçamos um rosto ou um edifício, não por parâmetros comparativos ou por decomposição cartesiana, mas pelo seu *aparecer característico*. “Uma unidade de sentido que permite o reconhecimento instantâneo”, explica, ao nos brindar com essa bela imagem:

“Cada crepúsculo, cada manhã, cada entardecer, cada riso, cada cólera no rosto é apreendida de uma forma muito particular, mas é o todo que me abate, como, por exemplo, o calor de uma tela de Veemer (...) É uma vivência que me toma, é fluxo contínuo, é choque, tem um caráter pático”. (Idem, 2010, p. 178)

Mas, o que são as imagens e porque as elaboramos?

“Presença de ausência e ausência da presença” são noções que estão na raiz de imago, diz Baitello Jr (2000), “à medida em que é no lugar do corpo ausente do morto que são instaladas as imagens”. Para esse autor, imagens são indelévels, segunda existência, status semiótico de segunda realidade, mantém laços com o sombrio, com o insondável. “As imagens possuem mais faces invisíveis que aquelas que se deixam ver. As imagens contêm zonas profundas de nós mesmos”, afirma. Segundo o autor, nascem nas cavernas, local onde a luz não entra, daí seus vetores de interiorização.⁷

“Não podendo retornar à caverna uterina, o homem inventa a caverna orbital formada de imagens e espelhos”, diz Dietmar Kamper (1936 – 2001), autor citado por Marcondes Filho (2011) e para quem a desmaterialização do mundo e sua transformação

⁷ BAITELLO Jr. Norval. Artigo publicado pela IX COMPÓS. Porto Alegre, 2000. Em: FAUSTO NETO, Antônio et al. (org). Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001. Não possui número de página.

em imagens tornou-se uma obsessão (Id, p. 266). Para aquele autor, as imagens nos protegem do medo da morte ou, dito de outro modo, são nosso desejo de imortalidade. “As telas, ao mostrarem imagens, escondem os corpos, isto é, os medos, as dores, os sofrimentos, que permanecem na parte detrás do espelho (...) Vendo-se a si mesmo, o homem já não vê tão pouco o outro”. (Kamper apud Marcondes Filho, 2011, p. 275).

É uma visão semelhante à de Vilém Flusser, outro importante pensador da imagem, para quem a comunicação humana “tem o propósito de promover o esquecimento da falta de sentido e da solidão de uma vida para a morte, a fim de tornar a vida vivível” (2008, p. 96). Um sentido que se constrói sobre a superficialidade (2008-b):

“À medida em que as imagens técnicas vão formando o nosso ambiente vital sempre de maneira acentuada, o fato vai se tornando sempre mais indigesto. A ciência e a técnica, estes triunfos ocidentais, destruíram para nós a solidez do mundo, para depois recomputá-lo sob a forma de aura imagística e imaginária de superfícies aparentes” (Id, p. 56)

Nos primórdios, as imagens significavam janelas, passagens ou ligações com o mundo exterior. Não havia “imagem de mundo” na Grécia antiga ou no mundo medieval. A técnica que propiciou a “imagem de mundo” é um fato novo na história da humanidade. Uma imagem oposta à visão da vida, como entre os gregos, que a percebe pelos sentidos. As imagens permitiam ao homem tomar parte da Criação. Mas, para Kamper, (apud Marcondes Filho, 2011, p. 269) já não vivemos num mundo nem num lugar: vivemos apenas das imagens, semelhantes a nós mesmos, “meros espelhos a refletir seus próprios rostos ou a desfigurá-los”⁸.

Voltando à Flusser, a imagem programa o homem para que este re programe a imagem. “O atual isolamento do indivíduo e a atual massificação, esses sintomas evidentes da sociedade emergente, não passam, a meu ver, de consequências dessa circulação íntima entre imagem e homem” (2008 p. 62-63).

Norval Baitello Jr diz que as imagens, que ele qualifica de “exógenas”, querem só o nosso olhar, vivem apenas da aparência, nos viciam, proliferam no mundo e atuam sobre nós. “O mundo da cultura possui essa característica: criar seres que atuam sobre os criadores. As imagens é que nos procuram, invadem nossos espaços de aconchego, tornando-os inabitáveis. “A força de nossos olhos, como janelas da alma que perscrutam e

⁸ Parte do texto **Presente Impossível** pode ser visto em: <https://pt.scribd.com/doc/140970216/04-09-Ciro-Marcondes-Filho-1>. Acesso em 24jun2015.

constroem vínculos com as profundezas do outro, foi definitivamente desativada”. Por outro lado, há aquelas (imagens endógenas) que querem que as olhemos por dentro. Ou de dentro delas⁹. O que elas escondem é relevante para a epistemologia contemporânea.

Em parte, é esse o mistério que nos move nesta empreitada: poderão as imagens técnicas revelar algo de substancial em relação ao objeto deste estudo? Os rostos que queremos contornar estarão ocultos sob as imagens, haverá algo no fundo da caverna e como penetrá-las? Ainda em Marcondes Filho encontramos pistas ou estratégias no sentido de recuperar os sentidos das imagens, as quais reproduzimos parcialmente, como possibilidades futuras de investigação e que queremos compartilhar, discutir e aprofundar.

Segundo Marcondes Filho, para Günther Anders (1902 – 1992), as imagens são cópias, mas também epistemes, “alegorias invertidas que aguardam deciframento, é preciso virá-las e lê-las como escrita” (apud Marcondes Filho, 2010 p. 187). Para Flusser, ainda que isso não esteja completamente elucidado na sua obra, como ressalva Marcondes Filho, faz-se necessário constituir um mundo codificado¹⁰, de forma a dar aos textos um novo significado que os torne imagináveis e assim se produzam imagens que signifiquem conceitos. “Seria a possibilidade de se utilizar as imagens para com elas se chegar à reflexão”, explica Marcondes Filho (idem p. 187).

Para Kamper, finalmente, se faz necessário ampliar os campos não-imagéticos para encontrar uma fuga da caverna orbital; para o autor, no entanto, é preciso desistir do hábito de ver, praticar a linguagem, a relação com o outro e com o tempo. “Ir em busca de um ponto além das imagens – que nos torna cegos e incapazes da percepção de outro mundo que não o dos espelhos e das imagens que se repicam a si mesmas – e reabilitar o lusco-fusco” (Kamper apud Marcondes Filho, 2010, p. 188).

Propomos, no entanto, pensar mais atentamente nas imagens endógenas de que nos fala o professor Norval Baitello Jr. Se, na sua perspectiva, essas são imagens que querem ser olhadas ou que as olhemos de dentro, sugerimos usar os recursos técnicos de que dispomos e o potencial crítico e interpretativo ao nosso alcance para escavá-las, em busca

⁹ **A sociedade das imagens em série e a cultura do eco.** Revista F@ro N°2. PUCSP/CISC (S/D). Pode-se ver ainda: **As Imagens que nos Devoram** - Antropofagia e Iconofagia, publicação do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia. Encontro Imagem e Violência, São Paulo, 2000. Disponível em <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/iconofagia.pdf>. Acesso em 23jun2015.

¹⁰ O mundo codificado é o título de um dos livros de Vilém Flusser, citado nos referencias bibliográficos.

de uma (improvável, mas não impossível) imagem original do rosto.

Mapeando a Pesquisa

O objetivo é ilustrar o tema principal com um mapeamento de imagens com a temática rosto, de acordo com algumas delimitações, que tentaremos detalhar, mas para a qual esperamos contribuições. Observamos que, a despeito da densidade do pensamento filosófico que acompanha essas reflexões, como jornalista, professora e pesquisadora da Comunicação, sabemos que, por outro lado, as imagens – que vamos chamar de endógenas – são ferramentas potentes de expressão, de constituição de sentidos, construtoras do conhecimento e nos colocam em lugares onde nossa limitada visão não pode alcançar.

É inspiradora ainda a possibilidade de oferecer alguma resistência frente à máquina abstrata de rostificação. Neste sentido, Viesenteiner (2009), que ampliou nossa compreensão sobre o conceito de rostificação, de Deleuze, afirma que resistir ao rosto não é uma fórmula que se esgota em si mesma, pois ela precisa dar um passo e mais e caminhar para a reinvenção ou criação de novas formas de vida. Como diz o próprio Deleuze,

“(...) o rosto constrói o muro do qual o significante necessita para ricochetear, constitui o muro do significante, o quadro ou a tela e escava o buraco de que a subjetivação necessita para atravessar, constitui o buraco negro da subjetividade como consciência ou paixão, a câmera, o terceiro olho” (2006, p. 32).

A resistência, segundo Viesenteiner, é o mecanismo para a reinvenção dos espaços pré-fabricados pelo rosto, para a criação de novas possibilidades de vida, para a reinvenção de novos modos de existência, e nisso consiste um estatuto ético.

Portanto, propomos mapear e descrever esse rosto contemporâneo, que se constitui e constrói suas referências a partir das imagens midiáticas, que ricocheteiam no muro branco, escavando buracos na subjetividade, numa estrutura extremamente complexa e que se manifesta em uma multiplicidade de formas.

Ainda que haja aqui certa imaturidade metodológica, se considerarmos que as tecnologias de inscrição são capazes de nos afetar subjetiva e culturalmente, é provável a hipótese de que o velho rosto venha sofrendo uma ação modificadora, dada sua longa e intensa exposição a elas. O segundo princípio, é o rosto moldado a partir das imagens. Pela impossibilidade de se realizar esse estudo sobre os originais (rostos vivos), propomos que a leitura seja feita a partir das imagens técnicas que o focalizam. Um rosto com o qual cada um de nós já se parece um pouco.

Neste ponto, a Comunicação se encontra com a arte. Desenhos, pinturas, fotografias, são a materialidade das imagens que nascem na mente humana, do olhar, da percepção das formas e, por que não, do encantamento e dos afetos. Surgem da criação artística, da simbiose com a técnica e, indiscutivelmente, têm ocupado a centralidade do mundo, com o que concordam as referências mais importantes até aqui: Erick Felinto (UERJ), Ciro Marcondes Filho (USP) e Norval Baitello Jr (PUC-SP).

O rosto humano tem sido retratado pela pintura e por outras formas de imagem ao longo de toda a História, rica em autorretratos: Cézanne (1880), Picasso (1907), Matisse (1918) ou ainda nos inúmeros retratos de Van Gogh, além do mais famoso quadro, o de Da Vinci (1505-07). Recentemente, circula um vídeo pela internet, com 14 milhões de acessos, *500 Years of female portraits in Western Art*, de Philip Scott Johnson¹¹, que edita imagens dos rostos mais conhecidos da arte mundial de todos os tempos, numa fabulosa edição de imagens com transições perfeitas. Uma pequena maravilha neste universo.

Num site especializado em arte¹², encontramos um recorte precioso sobre o rosto humano na arte. Para o autor, o rosto humano esconde atrás das faces um mistério até hoje não decifrado pelo homem. “Não importa a época ou o lugar da manifestação artística, o mistério persiste e os artistas tentam, geralmente através do olhar, mostrar aquilo que sentem”. O autor destaca que em certas épocas e em algumas civilizações, o rosto humano era representado de forma “tão fascinante e tão poderosa” que era proibido pintá-lo, desenhá-lo, ou reproduzi-lo sob forma de escultura. “Muitos afirmam que o retrato nasceu, em quase todas as civilizações, como uma crença na vida eterna”. Desde sempre, o desejo da imortalidade. Destaca o autor:

“Na pré-história, alguns traços resumiam as feições de um rosto. Hoje, com todas as transformações sofridas pelo ser humano, ele tem uma forma totalmente diferente da que tinha naquela época. O seu desenho ou pintura obedecem às normas e padrões de cada época, à sua geografia e civilização”.

Disso depreende-se que cada imagem estudada deve ser tratada com o rigor de um objeto único, visto, circulado e analisado a partir do seu contexto específico. No entanto, algumas definições se impõem desde já. Ainda que não possamos definir que imagens serão estudadas (em qual enquadramento, se em closes, se de homens e mulheres, se em situações dramáticas, de um ou mais autores), mas pela necessidade de um posicionamento

¹¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=nUDIoN-Hxs>. Acessado em 10.set.2014.

¹² Em: <http://www.allaboutarts.com.br/default.aspx?PageCode=12&PageGrid=articles&item=0801A3>. Acessado em 01.nov.2014.

sobre o objeto a ser recortado, nossa escolha recairia sobre o rosto feminino da mulher adulta – entre 30 e 50 anos – branca, negra ou asiática, representado por imagens de caráter endógeno, com privilégio pelas fotografias, mas com abertura para desenhos, artes gráficas, pinturas e, outras formas estéticas. Essas escolhas poderão ser realizadas por pesquisas na internet, mas que na medida do possível possam ser observadas em catálogos ou mesmo nos originais. Já as descrições, devem seguir um percurso mais longo. O quão profunda será a escavação dependerá de quanto poderemos remover seus platôs.

Os sentidos do rosto

Território delicado, lugar dos significados e da subjetivação, da fronteira entre o dentro e o fora, o que buscamos é o rosto do nosso tempo. Mas, que sentidos encerram o rosto? Marcondes Filho (2012) diz que o rosto é incapturável pela técnica, em referência ao rosto levinasiano (Emanuel Levinás, 1906 – 1995). Mas, a que rosto se referem os filósofos? Esta é a fase atual da pesquisa. Por enquanto, nosso objeto é circulado pela percepção de que o rosto foi esfacelado pelos choques da experiência moderna e agora se multiplica e se reproduz na solidão das redes virtuais. Nossa pesquisa busca o rosto concreto, ainda que frio e vazio, da experiência virtual e ao mesmo tempo o rosto que sorri, acolhe e ama, da experiência concreta. O rosto do medo, da fantasia e da loucura. O rosto do mistério, o rosto que comunica, ainda que a técnica o tenha lançado nalgum lugar imaginário.

Tarefa árdua, já que não se pode esperar que o rosto se pareça com a máquina abstrata que o produziu (Deleuze, 1996, p. 33).

Referências bibliográficas

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A Era da Iconofagia: ensaios de comunicação e cultura**. São Paulo: Hackers, 2005.

BENJAMIN, Walter. 1892-1940. **A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre, RS: L&P, 2013.

COMOLLI, Jean-Louis. **Ver e Poder: a inocência perdida - cinema, televisão, ficção, documentário**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.3 – São Paulo, Ed. 34, 1996.

FELINTO, Erick. **A religião das máquinas**: ensaios sobre o imaginário da cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2005.

FLUSSER, Vilém. **O Universo das Imagens Técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo, Annablume, 2008.

_____. **b. O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. Organizado por Rafael Cardoso. Tradução de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HANKE, Michael. **Materialidade da Comunicação**: um conceito para a Ciência da Comunicação? Revista Contracampo - 14 (2006): 215-228.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Rosto e a Máquina**: o fenômeno da comunicação visto dos ângulos humano, medial e tecnológico. Nova Teoria da Comunicação, v.1: São Paulo: Paulus, 2013.

_____. **Fascinação e Miséria da Comunicação na Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2012

_____. **O Princípio da Razão Durante**: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica: nova teoria da Comunicação III: tomo V. São Paulo: Paulus, 2010

VIESENTEINER, Jorge L. **Deleuze: ética como resistência e reinvenção**. In: Scanzerla, A.; Falabretti, E.; Bocca F. (org.). Ética em Movimento. SP: Paulus, 2009.

Artigos consultados e citados pela Internet

FELINTO, Erick. **Do Cruzamento de Competências**: Vilém Flusser e a visão da Sociedade Telemática. Disponível em:

https://www.academia.edu/4428483/Do_Cruzamento_de_Comp%C3%A9ncias_Vil%C3%A9m_Flusser_e_a_Vis%C3%A3o_da_Sociedade_Telem%C3%A1tica. Acesso em 30.out.2014.

_____. **Do Despertar Tecnológico da Consciência** – breve arqueologia da internet como cérebro global. Disponível em:

https://www.academia.edu/3821088/Do_Despertar_Tecnol%C3%B3gico_da_Consci%C3%Aancia_Breve_Arqueologia_da_Internet_como_C%C3%A9rebro_Global. Acesso em 30.out.2014.

_____. **A comunicação dos autômatos**: o imaginário do pós-humanismo na Internet. Disponível em:

https://www.academia.edu/3059926/A_Comunica%C3%A7%C3%A3o_dos_Aut%C3%B4matos_O_Imag%C3%A9rio_do_P%C3%B3s-Humanismo_na_Internet_Conclus%C3%B5es_de_uma_Pesquisa. Publicado no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. UnB. 2006. Acesso em 30.out.2014.

_____. **Em Busca do Tempo Perdido** – o sequestro da história na cibercultura e os Desafios da Teoria da Mídia, apresentado ao GT “Comunicação e Cibercultura”, do XIX Encontro da COMPÓS. PUC-RJ, Rio de Janeiro, RJ, em junho de 2010. Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt1_erick_felinto.pdf. Acesso em 30.out.2014.

_____. **Materialidades da Comunicação**: Por um novo Lugar da Matéria na teoria da Comunicação". Revista Eletrônica Ciberlegenda, n. 5, 2001. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/308.08>. Acesso em 23.jun.2015.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. **O estatuto da ética em Deleuze**. O texto está disponível em <http://pt.scribd.com/doc/16661632/O-estatuto-da-etica-em-Deleuze>. Acesso em 30.set.2014.